

HOMENAGEM

Mulheres que inspiram

_____ Páginas 04 e 05

Conheça a história de
Dona Joaquina

_____ Página 12



Riscos ao patrimônio cultural: como evitá-los
e em caso de incêndio o que deve ser feito.
Especialistas falam sobre o assunto

_____ Página 03



Histórias de mulheres que marcam a trajetória de Minas



PEQUENOS OLHARES
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



_____ Confira na página 08

Semana Santa em Minas:
Tradicionalmente emocionante

_____ Páginas 06 e 07

**Impresso
Especial**

7397091256-DR/MG
IEPHA/MG

...CORREIOS...



Palavra do Presidente

fernando.cabral@iepha.mg.gov.br

Em fevereiro tivemos boas notícias e muito que comemorar. O Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG deu um importante passo no último dia 22 para a concretização da sua missão maior que é de preservar o patrimônio cultural de Minas Gerais. Foram assinadas 16 ordens de serviço relativas a obras e projetos para recuperação de igrejas, capelas e sobrado que fazem parte da nossa história, em valor próximo de 6 milhões de reais.

Graças ao Projeto Minas Patrimônio Vivo lançado em 2011 pelo Governador Antônio Anastasia, o IEPHA/MG está tendo condições de executar essas obras e iniciar projetos importantes para bens protegidos em diversas comunidades de Minas Gerais.

Se por um lado os investimentos em cultura no Brasil ficaram estagnados em 2012 (comparando com 2011), por outro, o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, IEPHA/MG, se orgulha em dizer que esse valor investido é o maior destinado ao patrimônio cultural mineiro nos últimos 10 anos.

Desde que foram anunciadas, em fevereiro, as restaurações das obras se destacam na imprensa das cidades contempladas. E passeando por alguns desses canais de comunicação, percebe-se, através de comentários na internet, a imensa alegria de cada população ao receber a notícia.

Parabéns às comunidades de Alto Maranhão, Brejo do Amparo, Caxambu, Conceição do Mato Dentro, Congonhas do Norte, Córregos, Itacambira, Milho Verde, Minas Novas, Ravena, São Gonçalo do Rio das Pedras, Santo Antônio do Pirapetinga e Uberlândia que em breve terão bens restaurados pelo IEPHA/MG.

Parabenizamos também aos servidores da casa cujo empenho e comprometimento vem possibilitando a viabilidade de todos esses acontecimentos.

Até dezembro de 2014 outras intervenções serão realizadas por meio de recursos já garantidos pelo Minas Patrimônio Vivo. Aguarde!

Não podemos nos esquecer que este mês comemoramos o Dia Internacional da Mulher. Desejo a todas as mulheres mineiras que contribuíram e contribuirão muito para a história de Minas. Feliz Dia das Mulheres!

Fernando Viana Cabral
Presidente

Editorial

Por Leandro Henrique Cardoso

Antigamente os veículos de comunicação como TV, rádio, jornal e revista, ao transmitirem as notícias, não se preocupavam com a opinião do público. Como quase não havia possibilidade de interação entre as duas partes, pouco se sabia das reações das pessoas sobre os assuntos abordados em cada veículo. Além disso, a participação do público na construção dos jornais era praticamente nula. Se um leitor, por exemplo, quisesse manifestar sua opinião sobre um determinado assunto abordado por um jornal, teria que escrever uma carta de próprio punho e aguardar vários dias até que ela chegasse às mãos do editor.

Nos dias atuais a relação entre os canais de comunicação e o público acontece praticamente que em tempo real graças ao avanço tecnológico. Dificilmente encontramos alguém cujo celular não faça parte de sua vida. E a internet? Acessada de qualquer lugar permite contato rápido com o mundo inteiro em segundos.

Toda essa tecnologia avançada propicia às diversas camadas da sociedade um convívio cada vez mais transparente.

Nós do BEM INFORMADO somos usuários da tecnologia com o intuito de levar a você, leitor, o melhor conteúdo sobre o patrimônio histórico de Minas Gerais. E é por isso que estamos utilizando este espaço para pedir sua participação e acima de tudo colaboração para que, juntos, possamos construir um jornal de qualidade.

Acesse nosso site www.iepha.mg.gov.br ou ligue para (31) 3235-2812 e se comunique conosco. Ou mesmo você que prefere, em gesto de carinho, escrever uma carta desenhando letra por letra, sinta-se à vontade em enviar sua contribuição. Nosso endereço é Praça da Liberdade s/nº (prédio SETOP), 4º andar – CEP 30140-010.

Conte-nos por fotos ou relatos o que acontece em sua cidade, região ou comunidade. Queremos que a sua história seja conhecida por todos!

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Governador: Antônio Augusto Junho Anastasia
Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
Secretária: Eliane Parreiras
Secretária adjunta: Maria Olívia de Castro e Oliveira

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS
Presidente: Fernando Viana Cabral
Vice-presidente: Pedrovaldo Caram Santos
Chefe de Gabinete: Danielle Faria
Diretor de Conservação e Restauo: Renato César J. de Souza
Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças: Dirceu Alves Jacome Júnior
Diretora de Proteção e Memória: Angela Maria Ferreira
Diretora de Promoção: Marília Palhares Machado

BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Leandro Henrique Cardoso (MG 16780 JP)
Textos: Adalberto Andrade Mateus (MG 17581JP) e Érika Santos (MG 012987JP)
Diagramação: Pablo do Prado Soares
Fotos: Izabel Chumbinho
Impressão em papel Reciclado 90g/m³
Tiragem: 2.600 exemplares – Periodicidade: mensal
Impressão e acabamento: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerias



CULTURA

Praça da Liberdade, s/nº – 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte – MG
Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br
Envie sua sugestão para: iepha@iepha.mg.gov.br

Incêndios ameaçam nosso patrimônio cultural

Por Adalberto Andrade Mateus



No dia 23 de dezembro de 2012, a Biblioteca Pública Estadual Luis de Bessa foi atingida por um incêndio que consumiu parte de sua documentação administrativa. Um mês depois, 22 de janeiro de 2013, foi a vez do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas sofrer as tristes consequências de um incêndio que destruiu as exposições sobre a vida do paleontólogo Peter Lund, sobre o cerrado e a Era Pleistoceno, localizadas no 2º andar da sede. Fica a pergunta: qual a dimensão dos incêndios na cultura de um povo?

Minas Gerais já registrou tristes episódios que impactaram a cultura do estado. Em 1968, devido a um fogareiro que foi esquecido aceso em uma das salas de encadernação, um incêndio de grandes proporções destruiu boa parte do acervo da biblioteca do tradicional Colégio do Caraça. Graças à ação dos alunos, 15.000 livros, de um acervo de 50.000, foram salvos, mas desde então, o colégio foi desativado. Em 1999, os mineiros viram ser consumida em chamas a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Mariana. O teto da nave, obra do mestre Francisco Xavier Carneiro (foto acima), e dois altares laterais foram totalmente destruídos.

O trabalho de prevenção a incêndios, guiado por atenção e zelo com nossos bens culturais, deve ser premissa para os responsáveis em cuidar do nosso patrimônio.

Para a superintendente de Bibliotecas Públicas do Estado, Áurea Godinho Piacesi, a responsabilidade em cuidar de um acervo tão expressivo como o da Biblioteca Pública foram chaves para impedir a gravidade do incêndio ocorrido em dezembro. “Felizmente, nesses três últimos anos, houve uma maior preocupação relativa à prevenção e combate a incêndio. Duplicou-se a capacidade das caixas d’água, para atender as recomendações do Corpo de Bombeiros, e instalação de novas mangueiras e hidrantes”, avalia a superintendente que ainda destaca a imediata ação dos vigias ao acionar o Corpo de Bombeiros. De acordo com Áurea, nenhum acervo foi danificado pelas chamas rapidamente controladas.

“Os danos que podem ser provocados por um incêndio, em qualquer equipamento cultural e, especialmente, em bibliotecas, pode ser incalculável quando houver perda de seus acervos, principalmente se forem destruídos

conjunto de obras raras e especiais” destaca Áurea. Muitas vezes exemplares únicos são destruídos o que provoca a perda de um valor simbólico, precioso para toda a sociedade.

O 1º Tenente do Corpo de Bombeiros, Vítor Costa Leite, destaca como uma das principais orientações da corporação para prevenção a incêndios o estabelecimento das corretas medidas de segurança que devem ser proporcionais ao risco de incêndio: “Conforme a Instrução Técnica, que versa sobre segurança em edificações históricas, para conhecer o risco de incêndio de uma edificação são consideradas, dentre outras características, a carga de incêndio, a altura, o nível de tombamento, a distância do Corpo de Bombeiros e a ocupação da edificação”.

Ainda de acordo com Tenente, as edificações que preservam relíquias no estado são classificadas como “local onde há objeto de valor inestimável”, o que requer, além das medidas de segurança específicas da edificação, o atendimento de medidas complementares como o “Controle de Materiais de Acabamento” e o “Sistema de Proteção contra Descargas Atmosféricas”, dentre outras.

Em um estado de grandes dimensões como Minas Gerais “lembrando que são 853 municípios em quase 600 mil km²”, o Corpo de Bombeiros estabeleceu o chamado fator de risco em relação à distância de uma unidade da corporação, sendo atribuído maior risco às edificações históricas que se encontram mais distantes do quartel. “Seria muito interessante e de grande valia se todas as prefeituras exigissem, como já ocorre em alguns municípios do estado, o Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros, antes de liberar os alvarás de funcionamento das edificações”, pontua o tenente que destaca ainda como outra questão muito importante a instalação de hidrantes públicos nas proximidades das edificações históricas, tarefa essa que cabe aos órgãos de saneamento das localidades. A medida torna o combate a incêndios mais rápida e eficaz.

Na próxima edição *O Bem Informado* vai trazer recomendações da Diretoria de Conservação e Restauração do IEPHA/MG para a prevenção de danos a edificações antigas e centros históricos.

Mulheres de Minas

Por Érika Santos

Nós mulheres já fomos cantadas em versos e prosas. Neguinho da Beija-Flor disse “mulher mulher mulher mulher mulher mulher mulher...”. Já Erasmo Carlos cantou “dizem que a mulher é o sexo frágil, mas que mentira absurda! Eu que faço parte da rotina de uma delas sei que a força está com elas...”. Martinho da Vila se gabou “já tive mulheres de todas as cores, de várias idades, de muitos amores. Com umas até certo tempo fiquei, prá outras apenas um pouco me dei”. Os Raimundos reclamaram “que mulher ruim, jogou minhas coisas fora, disse que em sua cama eu não deito mais não”. Os Charlie Brown Jr exultaram “ela não é o tipo de mulher que se entrega na primeira, mas melhora na segunda e o paraíso é na terceira”. E Roberto Carlos declamou “a mulher que eu amo tem um lindo sorriso, é tudo que eu preciso pra minha alegria. A mulher que eu amo tem nos olhos a calma, ilumina minha alma, é o sol do meu dia”. Mas claro que não poderia deixar de fora quem mais falou, cantou e entendeu as mulheres, Chico Buarque: “mulher, vou dizer quanto eu te amo cantando a flor que nós plantamos”.

Mas homenagem nunca é pouca e, por isso, nos mês que se comemora o Dia Internacional da Mulher, queremos também fazer nossa parte. Escolhemos três grandes mineiras para representar todas nós. Uma simboliza a cultura popular, outra a pintura e terceira a literatura.

Confira a seguir as entrevistas.

NAYLA STARLING

Nayla Eliane Starling Almeida Magalhães, artesã moradora de Sabará. Confecciona bordados com bainha aberta e a Renda Turca de bicos (registrado como bem imaterial municipal). Também é responsável por manter viva uma tradição de mais de 200 anos, a palma barroca. As palmas barrocas, em cobre ou latão e banhadas a ouro ou prata, chegaram a Sabará levadas por portugueses que acompanharam a família real lusitana, em 1808, na fuga ao Brasil-Colônia – historiadores estimam que cerca de 15 mil moradores de lá atravessaram o Atlântico para não sofrer nas mãos do francês Napoleão Bonaparte. A fama das palmas foi disseminada na então Vila de Sabarabuçu por parte desses europeus, mas, por anos neste século, poucos artesãos dedicaram tempo à tradição.

A confecção das palmas barrocas é uma tradição de mais de 200 anos em Sabará. Como é fazer parte da história de sua cidade?

É um motivo de orgulho poder contribuir para a manutenção da memória e história do saber/fazer tradicionais da região de Sabará.

A senhora também desenvolve um lindo trabalho com renda turca de bico, patrimônio imaterial de Sabará desde 2003. Como a senhora começou esse trabalho?

Comecei a fazer parte do projeto Resgate de Técnicas Tradicionais da Região, implementado pelo Museu do Ouro nos primeiros anos de 1980. Aprendi com a minha mãe, Nilza Starling Almeida que a aprendeu com minha irmã, que por sua vez a recolhera com sua criadora, D.Nair Pinto.

Minha mãe, hoje com 86 anos, cuidou do repasse desse saber para mais de 200 pessoas, como monitora do museu e continua ensinando a técnica a algumas moradoras da cidade o que igualmente faço. Coordeno um grupo de rendeiras que confeccionam e comercializam o produto na Associação de Artesanato, feiras locais, estaduais e nacionais.

Com o artesanato, muitas mulheres passaram a ter uma renda e ajudar no orçamento doméstico além de manter vivas as tradições de Sabará. Como a senhora vê a participação da mulher para cultura do município?

A participação das mulheres neste tipo de trabalho é ainda incipiente, pois elas utilizam apenas o tempo livre para dedicar-se a isso. Inexiste, ainda, organização que administre que seja capaz de permitir que se dediquem exclusivamente a esse fazer. Ser rendeira não é profissão no sentido como hoje é entendida essa palavra. Fazer Renda Turca de Bicos é cuidar para manter a memória de nossa cultura. É esse o principal ganho e afã das rendeiras sabarenses.

ADÉLIA PRADO

Adélia Luzia Prado Freitas, filha do ferroviário João do Prado Filho e de Ana Clotilde Corrêa, nasceu em Divinópolis, em 1935. Lançou seu primeiro livro em 1976, após indicação de Carlos Drummond de Andrade. Bem sucedida como escritora vê-se obrigada a abandonar o magistério, após 24 anos de trabalho. Sua obra recria numa linguagem despojada e direta, a vida e as preocupações dos personagens do interior mineiro.

A senhora foi Chefe da Divisão Cultural da Secretaria Municipal de Educação e da Cultura de Divinópolis. Essa experiência contribui de alguma forma para sua, já consagrada, carreira de escritora?

Contribuiu muito para eu me dar conta de que definitivamente não possuo talento para a atividade pública. Esta deve ser exercida por alguém que independente de ser um escritor, músico ou pintor, por exemplo, saiba contracenar com forças adversas sem perder o foco, a energia e a paciência, talentos de um administrador. Aceitar o convite para a Secretaria de Cultura me amadureceu politicamente e me confirmou em minha real vocação.

Qual o significado do título de seu primeiro livro, *Bagagem*?

Quando você se ausenta da sua casa numa viagem, você põe em sua mala, em sua 'bagagem', o que lhe parece essencial para que não se perca a qualidade e o ritmo de sua vida. Você leva sua identidade, da qual fazem parte sua escova de dentes, seus documentos, sua roupas básicas, o que precisa para comer e morar. Num livro de poesia, para mim, não cabem excessos nem faltas. Sua linguagem deve ter a excelência do que é vital e absolutamente necessário para que o poema exprima o sentimento de maneira bela. Acreditando ter feito isso é que chamei meu primeiro livro de *Bagagem*. Afinal todo o livro para mim é uma bagagem, tenha o título que for.

Seu primeiro livro foi lançado em plena ditadura (1976), como foi para uma mulher ser "apadrinhada" por um homem (Carlos Drummond de Andrade) nesse período tão confuso da história de nosso país?

Foi uma graça enorme Drummond ter apreciado meu livro. Sua opinião atraiu a editora. O fato de ter sido 'recebida' por um homem não é o que conferiu importância ao livro, mas o fato deste homem ser Carlos Drummond, nosso maior poeta. Ter sido na ditadura significou que ela não conseguiu exilar a poesia do nosso país e da nossa alma.

O cotidiano é um tema muito recorrente em seus livros, a senhora se inspira em seus vizinhos de Divinópolis, cidade do interior de Minas?

Minas é uma grande roça. Meu cotidiano é o de qualquer cidade de nosso estado. Nem Belo Horizonte escapa.

Na sua opinião o que mudou nas mulheres de sua geração e na mulheres de hoje?

As mulheres de minha geração nem exibiam nem escondiam o seu fogão. Cozinhar, lavar e passar não era heroísmo para nós, mas uma função normal que pertencia a um feminino que não achava demérito cuidar da casa e da família. Estávamos felizes no segundo lugar ajudando o mundo a existir. Espero ter respondido

SARA ÁVILA

Sara Ávila de Oliveira nasceu em Nova Lima, em 1932. Pintora, desenhista e diretora do Centro Cultural e do Ateliê Livre de Arte em Nova Lima. Foi professora de desenho e criatividade da Escola Guignard, em Belo Horizonte, onde exerceu o cargo de diretora entre 1996-1999. Foi presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais e da Sociedade Amigas da Cultura em Belo Horizonte. Artista premiada em várias ocasiões, recebeu o Grande Prêmio Nacional no Salão Inconfidência por Mérito Artístico do Governo do Estado de Minas Gerais (1971).

Como começou sua paixão pelo desenho e a pintura?

Desde menina gosto de desenhar, fui influenciada desde o jardim de infância. Quando estudava na Escola Delfim Moreira (centro de Belo Horizonte) eu sempre era selecionada para fazer projetos ligados a arte. Em todas as datas festivas me chamavam para desenhar o personagem do dia. Lembro que uma vez me pediram para desenhar o Duque de Caxias, mas eu não sabia como, aí eles me deram uma fotografia e eu fiz o desenho que até hoje está nos corredores da escola.

A senhora foi aluna de grandes nomes na arte, como Alberto da Veiga Guignard e Franz Weissmann. O que mudou na sua arte após os estudos?

O meu trabalho após o *Guignard* foi completamente diferente. Era um trabalho livre e solto. Ele levava aquele tanto de aluno para o parque e falava para a gente desenhar o que quisesse, era muita coisa ao nosso redor e era difícil focar em algo específico. Muitas pessoas devolviam a prancheta em branco. Acho que eu ganhei pela persistência porque até então eu não sabia trabalhar planos.

A senhora estudou em escola de freiras, e o tema religioso é muito presente na sua casa, aquele tempo teve alguma influência em sua arte?

Claro, primeiro porque minha família era muito católica e, quando estudei no Colégio Sion (também na capital) desenvolvi diversos trabalhos sobre o tema, pintura de coroação, desenho deostas católicas, sabia todo o calendário religioso.

A senhora foi presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais durante a ditadura militar, como a senhora compara o atual cenário da cultura em Minas com o daquela época?

É tão diferente que não tem como avaliar. No meu tempo os conselheiros repartiam a verba entre literatura, artes plásticas, teatro e música. Não era muito dinheiro, mas ajudava. Era muito democrático, todos tinham acesso, qualquer um podia concorrer a verba.

Como é ter o trabalho escolhido para ser o selo comemorativo dos 100 anos de Belo Horizonte?

Houve uma exposição em um shopping aqui de Belo Horizonte e eu coloquei uns quadros meus que retratavam a cidade. Um funcionário dos Correios passou lá e se interessou pelo meu trabalho. Ele me escreveu perguntando se eu podia fazer algum trabalho para ser o selo comemorativo. Eu fiz um quadro mostrando as montanhas e as luzes noturnas. A época o Fernando Henrique Cardoso é que era presidente, e ele me deu uma cartela desses selos carimbados e assinados.

Mas o mais gratificante e o que mais me emocionou foi que, muito anos depois, minha filha estava com uma amiga em uma feira de selos em Paris e lá ela viu o selo com meu trabalho em exposição. Isso foi muito bom.

Como a senhora vê a presença da mulher na cultura mineira?

Acho que é igual ao do homem. Veja bem, na minha época já tínhamos espaço, tanto que fui presidente do Conselho Estadual de Cultura. Hoje, tenho a impressão que existe muita cobrança para ter mais espaço.

Ritos de Fé são expressão da cultura mineira

Por Adalberto Andrade Mateus



Ailton Batista, analista de gestão, proteção e restauro do Iepha, registra os passos da cerimônia

Quando as portas da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré foram fechadas ao meio-dia de 13 de fevereiro, quarta-feira de cinzas, uma nova linha de pesquisa se abria para o IEPHA/MG. O templo, localizado no distrito de Morro Vermelho, município de Caeté, recebeu pela primeira vez a equipe do Instituto que iniciou as pesquisas e levantamentos referentes aos ritos da quaresma e semana santa do estado de Minas Gerais. Essa linha temática do inventário do patrimônio cultural imaterial vai investigar as práticas religiosas entre a quarta-feira de cinzas e a celebração da páscoa, o chamado domingo da Ressurreição.

Em Morro Vermelho, visitada pelos técnicos da Gerência de Patrimônio Imaterial, foi feita a coleta de depoimentos e registro audiovisual do Banho do Nosso Senhor dos Passos. Essa prática acontece há mais de 200 anos e é realizada sempre na quarta-feira de cinzas dando início às celebrações quaresmais em preparação à Semana Santa. Em respeito à imagem masculina do Cristo, a cerimônia é reservada somente à participação de homens.

Para o gerente de Patrimônio Imaterial do IEPHA/MG, Luis Gustavo Molinari Mundim, a cerimônia está inserida em uma temática de ritos que apresentam peculiaridades e são típicos de uma determinada localidade, sempre ligadas à paixão, morte e ressurreição do Cristo. "O inventário é uma atividade apta a receber indicações para realização de estudos. É uma ação de pesquisa que tem como objetivo tornar visíveis as expressões de nossa cultura", destaca Mundim, esclarecendo ainda que nem sempre uma ação inventariada culmina em um processo de registro como patrimônio cultural imaterial.

Também de acordo com Luis Gustavo, o próximo passo é a elaboração da ficha de inventário com informações que caracterizam a cerimônia e os bens culturais relacionados como a igreja em que é realizada, a imagem do Nosso Senhor dos Passos e a relação das pessoas participantes. "São atividades que envolvem, inclusive, a transcrição dos depoimentos colhidos com a

comunidade responsável pelo rito. Ao final do processo de pesquisa será disponibilizado um vídeo sobre a cerimônia", anuncia o gerente de patrimônio imaterial do Iepha.

O antropólogo Leonardo Augusto Freitas, que acompanhou a cerimônia, destacou sua riqueza: "é uma prática cultural bastante rica de significados e simbologias que estão sendo estudados por nossa equipe e que vão constar na ficha de inventário".

| Entenda a cerimônia pesquisada em Morro Vermelho passo a passo:



1º – Os homens entram na igreja de Nossa Senhora de Nazaré e fecham portas e janelas. Mulheres e crianças aguardam do lado de fora, no adro em frente à igreja.

2º – A imagem de Nosso Senhor dos Passos é retirada do altar e levada para a nave central da igreja. Os cabelos e a coroa de espinho, atributo do Senhor dos Passos, é passada a cada integrante da cerimônia que pede a bênção e a cura para os males que afligem a cabeça e garganta. Uma peculiaridade local é o fato da imagem do Senhor dos Passos permanecer durante todo o ano na posição em pé, ao contrário das demais cidades em que ele fica ajoelhado com a cruz às costas.

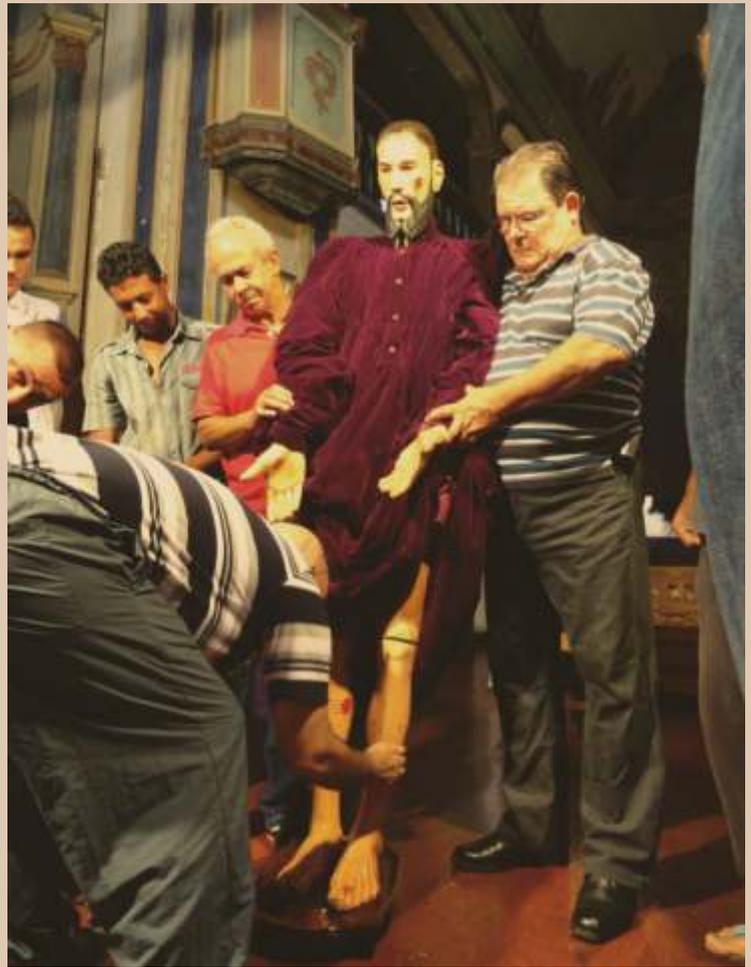
3º – Em seguida, a imagem é despida do seu manto e colocada sobre uma gamela, onde é colocada a cachaça que os participantes lavam os pés e os joelhos da imagem. Mãos, braços e a cabeça da imagem também são banhados com a cachaça, que, posteriormente, é doada aos moradores.

4º – Após ser banhada e seca com panos brancos, a imagem recebe roupas limpas, doadas pela comunidade, e é levada para o andor onde recebe a cruz às costas, em referência ao caminho do calvário. O andor fica preparado para a procissão do Depósito, que acontece no sábado que antecede o domingo de Ramos.

5º – A cerimônia é encerrada com a distribuição da cachaça recolhida após o banho. Os participantes e a comunidade passam a considerar a bebida como sagrada após o rito. A imagem do Cristo é isolada junto ao altar-mor por uma grande cortina roxa, representando a solidão de Jesus no monte das Oliveiras. O toque do sino grande anuncia o fim da cerimônia e abertura da igreja.

| Conhecer para preservar

O inventário realizado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG é um dos meios de proteção do patrimônio cultural do estado e permite o conhecimento sobre as riquezas de uma comunidade. A documentação de um inventário reúne as informações sobre determinado bem cultural, como sua identificação, localização e descrição das características materiais e imateriais que compreendem os valores sociais relacionados. O inventário sempre foi uma das principais atividades desenvolvidas pela Diretoria de Proteção e Memória da instituição. Desde a década de 1980, o IEPHA/MG realiza o Inventário de Proteção ao Acervo Cultural de Minas Gerais – IPAC/MG – que pode ser consultado em <http://www.ipac.iepha.mg.gov.br>, sendo essa uma ferramenta de grande apoio para estudantes, pesquisadores e interessados.



| Patrimônio nacional

Morro Vermelho é um pequeno distrito cercado por montanhas. Localizado a 12 km da sede, o povoado tem sua origem no início do século XVIII, com a extração de ouro nas minas de Vira Copos. O distrito foi palco de um dos episódios da Guerra dos Emboabas, conflito histórico ocorrido entre 1707 e 1709 em que paulistas e emboabas (grupo que reunia portugueses, baianos e pernambucanos) disputaram a posse das minas de ouro.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (foto ao lado), que foi tombada em nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 1950, se destaca com imponência no cenário bucólico do distrito. A igreja tem grande valor histórico e elementos artísticos que se destacam como o forro da nave que é uma representação do milagre que originou o culto a Nossa Senhora de Nazaré, em Portugal. Em setembro, durante as festas da padroeira, é encenada a cavallhada no adro da Matriz, com a representação da luta travada entre os mouros e cristãos. A cerimônia, uma das mais tradicionais de Minas é revivida há mais de 300 anos.



PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

| Capela Curial Nossa Senhora do Rosário – Belo Horizonte

O Pequeno Olhar dessa edição está no frontão da Capela Curial Nossa Senhora do Rosário, em Belo Horizonte. Situado bem no centro da capital mineira (no cruzamento da avenida Amazonas com as ruas São Paulo e Tamoios), há 114 anos, o pequeno templo religioso já era realidade quando a cidade ainda era chamada de Curral Del Rei.

O frontão, esculpido em baixo relevo por *W. Troschel*, apresenta Nossa Senhora sentada ao trono cercada de anjos e querubins. A edificação, tombada pelo patrimônio cultural municipal, é considerada a igreja mais antiga de Belo Horizonte e foi construída em estilo neogótico, com escadaria em cantaria de granito. Em seu interior, a simbólica tríplice arcada de madeira avança para o alto, acompanhando o movimento do telhado.



BLOCO DE NOTAS

| IEPHA/MG participa do Minas Território da Cultura

A Secretaria de Estado de Cultura lançou no dia 7 de março o programa Minas Território da Cultura. O programa é uma iniciativa do Governo do Estado para promover a descentralização das políticas públicas culturais até 2014.

Abrangendo ações culturais nas dez macrorregiões mineiras, o programa foi iniciado no município de Muriaé com atividades simultâneas que vão acontecer até o dia 27 de abril, em mais 14 cidades na região da Zona da Mata.

Entre os objetivos do programa, estão a valorização e a divulgação da diversidade cultural mineira, a promoção do desenvolvimento regional por meio da cultura, a circulação de bens culturais e a capacitação e aperfeiçoamento dos agentes culturais.

Vinculado ao Sistema Estadual de Cultura, o IEPHA/MG estará presente no dia 12 de abril no município de Manhuaçu com o projeto Rodada do ICMS Cultural. Na oportunidade a equipe de técnicos da Diretoria de Promoção vai esclarecer dúvidas sobre a Deliberação 02/2012, que determina os critérios para o repasse de recursos estaduais aos municípios que desenvolvem políticas de preservação do patrimônio cultural. Além da participação na Zona da Mata, o IEPHA/MG está com presença garantida nas outras 9 macrorregiões até junho de 2014. Acompanhe nas próximas edições informações sobre a participação do IEPHA/MG.

Fique ligado: Rodada do ICMS Cultural, em 12 de abril de 2013, das 9h às 17h – Câmara Municipal de Manhuaçu, rua Hilda Vargas, 141 – Alfa Sul.

Peça Desaparecida

A imagem de Santo Antônio de Cartegerona, pertencente à Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, distrito de Milho Verde, no Serro, possui 67 cm de altura, 24,5 cm de largura e 17,5 cm de profundidade. A escultura de autor desconhecido, esculpida em madeira policromada e dourada foi roubada, possivelmente, em 10 de novembro de 1991 junto com outras seis imagens: Nossa Senhora da Conceição; Santo Antônio de Pádua; São Francisco Sales; São Sebastião e São Miguel Arcanjo.



Informações pelo
telefone (31) 3235-2800 ou pelo www.iepha.mg.gov.br

Educação Patrimonial em Araçuaí

Por Érika Santos

No mês de abril, Araçuaí, a 678 quilômetros da capital mineira, sediará um projeto piloto de Educação Patrimonial do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. Serão 30 participantes entre professores, diretores e supervisores pedagógicos, moradores da região.

A proposta faz parte do programa Educar do Minas Patrimônio Vivo, lançado em 2011, que visa implementar e acompanhar ações de educação tendo o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento. Segundo Marília Palhares Machado, diretora de Promoção do IEPHA/MG, a diferença desse projeto piloto das outras ações de educação patrimonial que o Instituto já realizava é que agora serão desenvolvidos líderes locais. “O Iepha não tem capacidade de estar em todos os 853 municípios mineiros, e se não há um líder em cada região a ideia não se consolida. Nessa nova proposta vamos transformar os participantes em multiplicadores”, revela. Ainda segundo Adriana Quirino, gerente de Difusão do IEPHA/MG, a cidade de Araçuaí foi escolhida pela sua diversidade cultural e por possuir um Núcleo de Interiorização da Secretaria de Estado de Cultura. “Araçuaí está geograficamente distante do IEPHA/MG, mas ao mesmo tempo a cultura é muito viva entre os moradores, o que facilita a sensibilização dos educadores”, informa Adriana.

O projeto piloto de Araçuaí será realizado em parceria com a Secretaria de Estado de Educação, que ficou encarregada de selecionar os participantes. “Orientamos apenas que sejam profissionais da área de educação, que residam na região e que sejam efetivos em suas escolas”, diz Marília.

O curso vai acontecer em duas etapas. Na primeira, de 15 a 19 de abril, as aulas serão divididas em duas partes: Pedagógica, ministradas pelo professor Jezulino Lucio Mendes Braga, focando a importância do educador como provocador e não mais como gerador de conhecimento; Patrimonial, ministradas por Marília e Adriana, abordando as questões locais como centro das discussões. “Vamos trabalhar a realidade deles, fazendo articulação com os problemas que afligem a população”, relata Marília. Os participantes receberão dois livros, um sobre pedagogia (Transgressão e Mudança na Educação: Os Projetos de Trabalho, de Fernando Hernandez) e outro sobre patrimônio (Patrimônio Cultural conceitos, políticas e instrumentos, de Leonardo Barci Castriota), apostila e pen drive.

Após uma semana de palestras e seminários, os participantes terão uma pausa para desenvolverem materiais pedagógicos (cartilhas, jogos, teatros, músicas, filmes, etc) sobre o patrimônio cultural de sua cidade. Nos dias 14 e 16 de maio instrutores e participantes se reunirão novamente

para a apresentação do material. “Ao final do curso avaliaremos os resultados e em caso positivo já estamos pensando em expandir e disponibilizar um curso a distância, com apoio dos Centros Vocacionais Tecnológicos, CVT's, da Secretária de Estado de Ciência e Tecnologia”, revela a diretora de promoção.

Serão investidos nesse projeto piloto R\$ 156.100,00 para a contratação de professor, material didático, hospedagem e alimentação dos profissionais da educação.

| Projetar e Restaurar

Ainda dentro do Minas Patrimônio Vivo, no dia 22 de fevereiro foi assinado a ordem de serviços para início das obras e projetos dos programas Projetar e Restaurar. Para essa etapa serão investidos R\$5.686.405,49 na recuperação de 16 bens culturais tombados. O prazo de conclusão dos contratos é de 3 a 5 meses para projetos e de 6 a 18 meses para obras.

“Minas Gerais tem mais da metade do patrimônio histórico em termos culturais de nosso Brasil, mercê de nossa história, da nossa cultura e da nossa trajetória. Hoje estamos dando mais um passo rumo a preservação desse rico patrimônio. Sabemos que temos muito ainda a fazer, mas estamos trabalhando para isso”, afirmou o presidente do IEPHA/MG, Fernando Viana Cabral.

Segundo Diogo Corgosinho Borges, gerente do Minas Patrimônio Vivo, até o mês de maio serão investidos mais R\$5 milhões em 15 bens, dentro dos programas Projetar e Restaurar. O Minas Patrimônio Vivo vai realizar intervenções até dezembro de 2014.



Na assinatura da ordem de serviços, o presidente do IEPHA/MG, Fernando Viana Cabral, e a representante da empresa Século 30 Arquitetura e Restauro, Maria Carmem Perilo

Abertas as inscrições da Jornada do Patrimônio

Os municípios, instituições e agentes culturais do estado têm até o dia 29 de abril para inscreverem suas ações na programação da 4ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural - Edição 2013.

Uma das maiores iniciativas para a divulgação do patrimônio cultural brasileiro, a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural é realizada pela Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais e conta com a organização do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG -. Em suas três edições já realizadas, mais de 1.500 proponentes promoveram, em todo o estado de Minas Gerais, cerca de 3.500 eventos relacionados ao patrimônio cultural de cada região.

Com participação de mais de 500 municípios, a Jornada é uma das ações brasileiras reconhecidas com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade – 2010, na categoria Divulgação do Patrimônio Cultural. Concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o prêmio valoriza as ações que são destaque na preservação do patrimônio cultural do País.

A Jornada, ação pioneira no Brasil, foi inspirada na experiência francesa das Journées du Patrimoine, que são realizadas desde 1984 e que se estendeu por toda a Europa após os primeiros anos de sua realização. Diferente das Jornadas Europeias, que acontecem em um fim de semana, em Minas Gerais todo o mês de setembro é dedicado à realização das atividades, que são distribuídas em 12 modalidades de participação. A partir de 2013, a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural vai acontecer bianualmente, nos anos ímpares.

Para o presidente do IEPHA/MG, Fernando Cabral, a Jornada reforça o trabalho da instituição para a preservação do patrimônio cultural mineiro. “A Jornada Mineira do Patrimônio Cultural dissemina ações positivas e propositivas para a preservação do nosso patrimônio. É o envolvimento da comunidade com sua história e sua memória”, avalia Cabral.

Tema 2013

Como já é tradição, a Jornada é organizada a cada ano com um novo tema, buscando a reflexão dos participantes em discussões contemporâneas sobre

o patrimônio cultural e possibilitando a livre interpretação dos proponentes em ações inovadoras e criativas.

Em 2013, o tema da Jornada é **Griôs**: a Jornada dos Mestres de nossa Cultura. Os griôs, denominação derivada do francês *griot*, surgiram no noroeste africano e tornaram-se um símbolo da tradição oral. Responsáveis pela transmissão dos saberes e acontecimentos da vida social, os griôs tem relação íntima com a palavra, que é considerada sagrada. Além disso, são guardiões da memória e da história oral de um povo, sempre respeitando os seus ancestrais.

O convite é para que os proponentes da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural desenvolvam ações no período entre 1º e 30 de setembro que valorizem a presença dos grandes mestres de nossa cultura e mobilizem as comunidades para a compreensão do importante papel que esses agentes culturais desempenham na construção da história social e da nossa memória.

De acordo com coordenador executivo da Jornada, Adalberto Andrade, várias são as atividades que poderão ser realizadas: “Sugerimos ações que relacionem os mestres da cultura com a comunidade em que vivem. Rodas de bate papo e exposições valorizando o trabalho desses mestres são um incentivo para que as novas gerações continuem a trajetória de ofícios e conhecimentos da sabedoria popular”.

Como se inscrever:

1º- O proponente deve preencher o Formulário de Adesão (disponível em www.jornada.mg.gov.br). O site ficará disponível para as inscrições até às 23h59 do dia 29/04/2013.

2º- Após preencher o Formulário, o proponente deverá imprimi-lo e encaminhar pelos Correios até o dia 30/04/2013.

3º- Em julho, a Equipe de Coordenação disponibilizará no site da Jornada as atividades inscritas, que deverão ser conferidas pelos proponentes.

Minas são muitas

Por Érika Santos

O Bem Informado está mudando, queremos os leitores mais próximos e para isso estamos abrindo espaço para a participação de todos. seja sugerindo matérias ou enviando textos ou fotos. E o “ponta pé” inicial será na edição de Abril.

Tradição e religiosidade são fortes marcas do povo mineiro, assim como a fervorosa devoção. Em todo o estado, procissões, novenas, missas e celebrações diversas marcam as comemorações da Semana Santa. O repique dos sinos, as fachadas enfeitadas e os coloridos tapetes de serragem e flores são tradições centenárias ainda mantidas em grande parte das cidades, atraindo milhares de fiéis e visitantes a cenários históricos mineiros.

Vai passar a Semana Santa em Minas Gerais? Fotografe tudo, nos mostre a sua Minas Gerais e mande para iepha@iepha.mg.gov.br. As três melhores fotos serão publicadas aqui no Bem Informado e as outras serão disponibilizadas nas nossas redes sociais.

Não se esqueça de mandar seu nome completo e a cidade onde a foto foi tirada. A foto deve ter uma resolução mínima de 300 dpi e deve estar no formato 10x15 cm (vertical ou horizontal). Lembramos que todos os que mandarem as fotos possuem direito sobre a mesma e que concordam com a sua publicação.



«Minas são muitas. Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais”, já dizia Guimarães Rosa. Qual face você conhece?



BEM TOMBADO

Igreja de Santo Antônio, em Itacambira

Por Adalberto Andrade Mateus



O norte de Minas Gerais abriga muitas preciosidades de nossa história, principalmente devido ao fato de algumas rotas de bandeirantes iniciarem, pela região, o desbravamento do estado vindo principalmente do nordeste do País.

Uma das mais curiosas expressões artísticas do período colonial do estado pode ser conferida na Igreja Matriz de Santo Antônio, localizada no município de Itacambira. Tombada pelo IEPHA/MG, com homologação do ato em 30 de junho de 1998, a igreja teve sua inscrição lançada no Livro II, do Tombo das Belas Artes, no Livro III, do Tombo Histórico e no Livro IV, das Artes Aplicadas.

Encravada em um vale cercado pelos picos da serra do Espinhaço, o pequeno povoado de Itacambira se destaca em meio à paisagem verde. A história local está ligada à bandeira de Fernão Dias Paes Leme, o bandeirante que percorreu as terras despovoadas em busca das esmeraldas da serra Resplandecente e da lagoa do Vupabuçu.

Alguns historiadores apontam o surgimento do povoado em 1707, quando um primitivo templo já teria sido construído pelos primeiros moradores. A capela, dedicada a Santo Antônio, chegou até a sua arquitetura atual seguindo o modelo desenvolvido na primeira metade do século XVIII, quando já estava constituída a paróquia, que até então pertencia ao Bispado da Bahia. Alguns livros do arquivo paroquial confirmam a antiguidade da igreja, como o de registros dos batizados da freguesia, datado de 1751.

O casario da cidade está distribuído ao longo de duas ruas que 'abraçam' a igreja, transformando-a em principal elemento da paisagem urbana. O interior da igreja é bastante simples com uma nave única ladeada por dois corredores. Em termos construtivos, a igreja apresenta algumas curiosidades como as paredes do corpo central construídas em taipa de pilão (método em que o barro é prensado), pau-a-pique (método em que o barro envolve estrutura de ripas ou bambus amarrados) nas paredes dos corredores laterais, estrutura do telhado em linha dupla e os barrotes (peças de madeira) ultrapassando as grossas paredes de taipa podendo ser vistas na fachada principal. Também podem ser destacados na igreja os detalhes com que foram feitos os enquadramentos de vãos e portas.

A utilização de uma nave única, descartando elementos tradicionalmente utilizados nas igrejas coloniais como o arco-cruzeiro e capela-mor, proporcionou um direcionamento visual do espectador para a principal estrutura do templo: o retábulo-mor. Singular em sua proposta construtiva, os técnicos atribuem uma rebeldia aos enquadramentos tipológicos conhecidos.

A estrutura, que foi construída em três dimensões, dá a impressão de envolver o observador. Por sua dimensão e disposição dos elementos, o retábulo é comparado a um palco de teatro (é bom lembrar que anteriormente cortinas fechavam os vãos laterais) e também a uma proa de navio. Toda estrutura apresenta entalhes, torneados e denticulados que, unidos a cores marcantes como o vermelho, o azul e o verde, aumentam a peculiaridade da obra.

Em 1950, quando o retábulo foi conhecido pelas autoridades do patrimônio nacional por meio de fotografias, as análises foram distintas. O arquiteto Lúcio Costa classificou o retábulo como uma "curiosidade" que poderia ser fruto de "um capricho individual de algum marceneiro". Já o arquiteto Sylvio de Vasconcellos escreveu um artigo no jornal Diário de Minas em 12 de agosto de 1956, "Um Altar Excepcional", em que defende a posição de que "se trata de um altar muitíssimo interessante e valioso a atestar a variedade e a extrema riqueza de nossa arte colonial".

Acervo da Igreja foi desfalcado por roubo

Um triste episódio na história da Igreja Matriz de Santo Antônio é o furto, em fevereiro de 2012, de cinco imagens que compunham o retábulo-mor. Quem souber do paradeiro das imagens de Santana Mestre, Santo Antônio (padroeiro), São Miguel, São Sebastião e São Vicente Ferrer deve entrar em contato pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo www.iepha.mg.gov.br.



De Sinhá Braba à Grande Dama do Sertão

Por Adalberto Andrade Mateus

Os personagens da nossa história vez ou outra são envolvidos por lendas que os traduzem em pessoas excêntricas e distantes da realidade em que viveram. O mesmo aconteceu com Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco Oliveira Campos. O *Bem Informado*, em sua edição dedicada ao Dia Internacional da Mulher, resgata a figura de Joaquina do Pompéu, uma das principais personalidades femininas brasileiras do século XIX.

Nascida na cidade de Mariana, em 20 de agosto de 1752, Joaquina era filha do advogado português Jorge de Abreu Castelo Branco e da açoriana Jacinta Tereza da Silva. Em 1763, com o falecimento de dona Jacinta, a família mudou-se para cidade de Pitangui. No ano seguinte, com apenas 12 anos de idade, a jovem Joaquina, criada com boa educação, casou-se com o capitão de milícias Inácio de Oliveira Campos, descendente do bandeirante Antônio Rodrigues Velho – o Velho da Taipa.

Com o casamento, Joaquina mudou-se para a fazenda Nossa Senhora da Conceição, adquirida de Antônio Pompeu Taques. Com a prosperidade dos negócios do capitão Inácio, novas propriedades foram adquiridas pelo casal, o que aumentou consideravelmente o patrimônio da família. Contam seus biógrafos que a presença de dona Joaquina sempre foi forte e junto às ações do marido. Quando decididos a erguer uma nova moradia, que lhes garantisse mais conforto à família, o capitão Inácio indicou o local para construção. Contrariada com a escolha e aproveitando viagem do marido, dona Joaquina aponta novo local para a construção da sede. Construída, dali comandaram um território que se estendia por um milhão de alqueires, que hoje abrange os municípios de Pompéu, Abaeté, Dolores do Indaiá, Maravilhas, Martinho Campos, Paracatu, Pequi e Pitangui. Mãe de dez filhos, a descendência de dona Joaquina alcançou números impressionantes como 87 netos, 333 bisnetos e 1.108 trinnetos em que se destacam nomes de projeção como do político Martinho Álvares da Silva Campos, dos ex-governadores Benedito Valadares e José de Magalhães Pinto, ministros Gustavo Capanema e Francisco Campos e o embaixador Afonso Arinos de Mello Franco, só para citar alguns.

Com a doença do marido em 1795, dona Joaquina assume de vez os negócios da família sendo a responsável pela administração de todas as propriedades, o que lhe faz, de maneira inédita, solicitar permissão para uso de arma em defesa de possíveis inimigos: “sendo-lhe preciso tratar dos seus negócios por varias partes da Capitania e Sertões, dela infestados d'assassinos, he obrigada a trazer pistolas e outras armas para sua defesa tão somente” (19/03/1799). O capitão Inácio faleceu em 1804.

Com grande habilidade política, dona Joaquina teve relacionamento com a corte quando da chegada da família real ao Brasil, em 1808, quando enviou 200 bois para o Rio de Janeiro com o objetivo de atenuar os efeitos de crise



Joaquina do Pompéu retratada por Yara Tupynambá

alimentar vivida ali. Como retribuição recebe o agradecimento de Dom João VI. Em 1822, durante a ação de grupos contrários ao processo de Independência do Brasil, dona Joaquina ofereceu ao imperador sua fortuna particular, seus filhos, escravos e sua própria presença física na defesa do ato proclamado por dom Pedro I. O imperador reconheceu o gesto de generosidade em agradecimento pessoal e declarou aceitar somente o gado ofertado, que foi utilizado para o abastecimento das tropas legais na Bahia.

Dona Joaquina faleceu em 7 de dezembro de 1824, deixando como herança 53.932 reses de criar, 9.000 éguas e 2.411 juntas de boi. Vivendo uma época em que as mulheres eram submissas à figura masculina, esses números ilustram bem sua capacidade administrativa e a coloca como uma mulher à frente de seu tempo. Mulher forte e, por muitos, considerada autoritária, sua imagem foi algumas vezes distorcida em braveza e crueldade.

| Preservação da memória

Em 2011, foi inaugurado na cidade de Pompéu um Centro Cultural para registrar a história de dona Joaquina. O casarão, que abriga também o Museu da Cidade, foi reconstruído com o material original da antiga sede da Fazenda do Laranjo, propriedade rural de Antônio Cândido de Campos Cordeiro, bisneto de dona Joaquina. A sede, datada de 1871, tem rico acervo que ilustra a história da matriarca, como oratórios, bengala, utensílios domésticos, dentre outros. Para o coordenador do Centro Cultural *Dona Joaquina do Pompéu*, Hugo de Castro, “a memória de Dona Joaquina do Pompéu ficou perdida por muitos anos e somente agora está sendo resgatada de forma a mostrar às pessoas quem realmente foi esta dama injustiçada pelo tempo e por lendas sem fundamentos”. De acordo com Hugo, atualmente é realizado um trabalho na cidade, principalmente com os estudantes, para resgatar a memória e as ações de dona Joaquina: “por tudo que representou, ela é a base e o ápice da história e do legado da cidade de Pompéu, primeiramente por ter sido a grande incentivadora do crescimento agropecuário”. Destacando a mulher de fibra e empreendedora que assumiu posições nada comuns para as mulheres da época, Hugo de Castro conclui que “as mulheres de Pompéu e de todo o centro-oeste mineiro carregam um forte traço desta grande mulher em suas ações no dia-a-dia, como mãe, como dona do lar, como profissional. As mulheres demonstram um grande senso de capacidade e austeridade que a Grande Dama do Sertão carregou em sua vida”.

| Para saber mais:

RIBEIRO, Coriolano Pinto; GUIMARÃES, Jacinto. *Dona Joaquina do Pompéu*, Imprensa Oficial. Belo Horizonte, 1956.

VASCONCELOS, Agripa. *Sinhá Braba - Dona Joaquina do Pompéu*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.